

(ENTRE)LINHAS ARQUITETÔNICAS E A CONFIGURAÇÃO DE MULTITERRITORIALIDADES

Sufrimento e rejeição a partir da igreja de São João Batista (Itueta/MG)

*(BETWEEN) THE ARCHITECTONIC LINES
AND THE MULTITERRITORIALITIES CONFIGURATION*
*Suffering and rejection from the
Saint John the Baptist church (Itueta/MG)*

Patrícia Falco Genovez¹ e Débora Tameirão Lisboa²

Resumo

A erradicação de uma cidade, qualquer que seja o motivo, é traumática. A cidade de Itueta (Vale do Rio Doce) foi deslocada, em 2005, para uma nova cidade planejada devido à construção de uma hidrelétrica. O estudo deste processo complexo é multidimensional e requer o aporte de diversas disciplinas: história, arquitetura-urbanismo, semiótica etc. O objeto em pauta aqui é a demolição de um antigo templo, a construção de um novo (em novo estilo) e a rejeição do mesmo pela comunidade. O resultado foi a construção de um novo templo seguindo exatamente o modelo do anterior. Inúmeras questões surgem em função disso: o peso da cultura, o valor dos recursos simbólicos intrínsecos aos elementos arquitetônicos, as multiterritorialidades, conflitos e tensões, etc. E por fim, não deixa de ser também uma denúncia contra as soluções técnicas e desumanas comuns nestes procedimentos tecnocráticos.

Palavras-chave: erradicação de cidades, arquitetura e cultura, sofrimento urbano, tensão urbana.

Abstract

A city uprooting, whatever are the motives is always dramatic. Itueta city on the Rio Doce valley (Brazil) in 2015, due a hydroelectric plant build up had to move to a new city just built in order to replace the old one. The study of this complex process needs the approach of several disciplines: history, architecture and urbanism, semiotics and so on. The thematic focus here is the demolishing of an old Catholic temple and the construction of a new one (in a new style) followed by the rejection of this new one by

¹ Possui graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1993), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1996), doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2003) e pós-doutorado em Teoria e Metodologia da História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2016). Atualmente é professora titular da Universidade Vale do Rio Doce nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Publicidade e Propaganda, Design Gráfico, Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Gestão Integrada do Território. Pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT-UNIVALE). Tem experiência na área de formação histórica do território (multi)territorialidades, memória, patrimônio cultural e semiótica social.

² Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Vale do Rio Doce (2008). Especialista em Gestão de Negócios Imobiliários pela Faculdade Educacional da Lapa (2016). Mestre em Gestão Integrada do Território, na linha Território, Migração e Cultura (nas temáticas Cultura, Sociedade e a Formação Histórica do Território e Estudos sobre memória social, história, cultura e/ou manifestações artísticas). Tem experiência na área de Engenharia Civil, com ênfase em Construção Civil.

members of community. The outcome of all this is that the community plainly built up a new temple following exactly the model of the old one. This phenomenon arises some questions about: the weight of culture, the value of symbolic resources, territorialization processes, conflicts and social tensions for example. At last, but not at least, all these movements are also a complaint against some technical and merciless solutions present in this kind of technological procedures.

Keywords: city uprooting, architecture and culture, urban suffering, urban tension.

Introdução

Essa pesquisa busca compreender o sofrimento vivenciado pelos moradores de Itueta (MG) imersos no processo de erradicação de sua cidade em meio a transferência para uma cidade planejada, por ocasião da construção da barragem da usina hidrelétrica de Aimorés – no Rio Doce – em 2005. A transferência e, conseqüente erradicação, de uma cidade com seus moradores é um fenômeno sociocultural complexo, por isso, escolheu-se analisar apenas um dos vários traumas – dentre os que ainda estão latentes – e que surgiu por ocasião do deslocamento forçado dos ituetenses para a Nova Itueta. Elegemos para tanto, o percurso da igreja matriz de São João Batista.

Qual a importância de se pesquisar Itueta e os percursos de sua igreja matriz católica? A compreensão dessa experiência complexa vivenciada por seus moradores, quando do deslocamento da cidade, requer uma abordagem cuja sensibilidade constitua um conhecimento capaz de agregar contribuições da arquitetura, geografia, história e semiótica. Além do mais, um estudo deste tipo mostra, ainda que indiciariamente, o impacto dos grandes empreendimentos hidrelétricos que se espalham pelo Brasil afora e, em especial, no Vale do Rio Doce. Impactos nem sempre totalmente positivos sobre as pessoas, suas vidas e seus *espaços vitais*. De um modo geral, o sofrimento só pode ser compreendido indiretamente pelas ações e reações de quem sofre. Para imergir nessa temática um pouco mais precisamos conhecer, num primeiro momento, essa pequena cidade do sertão do rio Doce, em Minas Gerais.

Itueta, cidade pertencente às Regiões Geográficas Intermediária de Governador Valadares e Imediata de Aimorés-Resplendor, no estado de Minas Gerais, surgiu no início do século XX. Está localizada próxima à divisa com o estado de Minas Gerais com o Espírito Santo, tem área aproximada de 45 km², população estimada de 6.120 habitantes (IBGE, 2017). Foi uma típica cidade pequena do interior mineiro que surgiu e cresceu de modo orgânico, isto é, sem um planejamento prévio. Este crescimento lento e de um certo modo autônomo, gerou elementos urbanísticos e arquitetônicos próprios que foram desconsiderados pelo Consórcio responsável pelo seu deslocamento forçado e posterior erradicação da antiga Itueta. A pequena cidade pareceu inelegível ao Consórcio e foi enquadrada de modo genérico, sem seus mistérios e colorido urbano, sem a sua rede invisível que a tornava um território existencial para os ituetenses (SCOTT, 1998). Assim, podemos até dizer que Itueta foi translúcida para seus moradores e apenas uma cidade como qualquer outra para os de fora até o momento em que teve sua história marcada pelo deslocamento forçado, em função da construção da hidrelétrica de Aimorés (MG). Este longo processo iniciado em 1990, se consolidou em 2005 e impactou sua população de muitas maneiras, tanto material quanto imaterialmente. Por outro lado, apesar do fenômeno da migração e do deslocamento serem ubíquos, devemos concordar com Weil “que os exilados não esquecem seu país – e aqueles que o esquecem, estão perdidos – e o seu coração está irresistivelmente voltado para a pátria [...]” (WEIL, [1949] 2001, p. 188). O mesmo ocorre com os atuais moradores da Nova Itueta.

A igreja matriz católica da paróquia de São João Batista ilustra alguns aspectos desse



Igreja de São João Batista
(antiga Itueta)

Igreja de São João Batista
(entregue pelo consórcio na nova Itueta)

Igreja de São João Batista
(em construção por iniciativa da comunidade na
nova Itueta)

Figura 1 – Igreja de São João Batista (experiências arquitetônicas distintas). Fonte: Acervo das autoras, 2020.

impacto da erradicação citada anteriormente. Nos termos de Scott (1998), podemos dizer que para os moradores a igreja era algo familiar, e para os *planejadores* do Consórcio simplesmente um entrave a ser *simplificado*. Com o deslocamento da população, as dimensões temporo-espaciais arquitetônicas da matriz se desdobraram em três momentos diferentes (Figura 1): 1) aquele relativo ao templo e tempo da antiga Itueta e que fora demolido – mas permanece na memória de todos –, 2) o relativo à construção de uma nova igreja pelo Consórcio e sua entrega à comunidade na nova Itueta – e que fora rejeitada pela população católica – e, 3) aquele novo tempo-espço em que a própria comunidade decidiu construir ao lado do templo rejeitado, uma *nova* igreja.

Essas três igrejas (a da memória, a do Consórcio e a da comunidade) fornecem elementos significativos para se compreender as implicações dos símbolos considerados sagrados pela população de Itueta e suas implicações na constituição das multiterritorialidades dessa comunidade. Esse conceito surge como alternativa à noção de desterritorialização. Ou seja, considera-se que o deslocamento da antiga Itueta não gerou uma desterritorialização da antiga igreja de São João Batista, mas uma multiterritorialidade que emerge de um processo dinâmico e complexo que “inclui a vivência concomitante de diversos territórios – configurando uma multiterritorialidade, ou mesmo a construção de uma territorialização no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2007, p. 20). Esse conceito considera, a partir de Deleuze e Guattari (1995), a desterritorialização um mito, visto que ela só pode ocorrer de modo indissociável à sua contraface da (re)territorialização.

Para se alcançar tal entendimento, esta reflexão organiza-se da seguinte maneira: um breve histórico da cidade de Itueta e de seu deslocamento forçado, a configuração das igrejas de São João Batista e uma análise comparativa, expressando indiciariamente a constituição das multiterritorialidades indicadas. Nesse sentido, o uso da semiótica

social será essencial para desenvolver as análises dos três templos. A semiótica social fornecerá também alguns elementos para articular tanto a construção física (arquitetônica) quanto a sua sustentação simbólica configurada pela população (significação).

Breve histórico de Itueta e de seu deslocamento forçado

Para o desenvolvimento dessa análise parte-se dos estudos sobre a cidade de Itueta (MG) publicados tanto em meios eletrônico como físico. A pesquisa eletrônica se deu através de *sites* de publicações acadêmicas. Não existem muitas pesquisas sobre a cidade, os trabalhos encontrados datam do início do processo do deslocamento forçado e, a maioria deles, desenvolvidos no programa de mestrado em Gestão Integrado Território da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Os autores apresentam elementos referentes ao contexto histórico, assim como à nova conjuntura diante do sofrimento enfrentado pelos ituetenses com o deslocamento e erradicação da antiga cidade.

A formação da cidade é datada por Santos e Biavati (2015), nos anos 1920, associando os desbravadores vindos da Zona da Mata Mineira – interessados na madeira de lei e na atividade agropecuária – e os imigrantes europeus (italianos e germânicos) que chegaram na época da Primeira Guerra Mundial. Segundo esses autores, a chegada da ferrovia Vitória-Minas trouxe desenvolvimento a esse contexto de tal modo que, em 1948, a cidade de Itueta alcançou sua emancipação. Sua posição geográfica favoreceu seu desenvolvimento territorial, sendo esse o fator principal para a instalação de uma estação ferroviária. Nesse aspecto, pode-se observar como a mudança de local da cidade afetou os pilares de sustentação da gênese desse núcleo social, alterando não só a localização geográfica, que envolve a relação com o entorno e com a paisagem, mas, também, a estruturação econômico-social que envolvia a estação ferroviária, que não existe na Nova Itueta.

Santos e Biavati (2105) entendem que a identidade cultural de Itueta se fortaleceu em função das festas comunitárias que aconteciam praticamente todo mês e apontam como fato determinante para a redução do crescimento da cidade o esgotamento dos recursos naturais, base da economia até a década de 1960. Os autores então, tomam como marco na história da cidade a construção da usina Hidrelétrica de Aimorés e o que eles chamam de *realocação compulsória* e *mudança indesejada* de toda a cidade (SANTOS; BIAVATI, 2015).

Genovez *et al.* (2012) detalham a formação histórica do município e distinguem três núcleos comunitários: os primeiros grupos de moradores, formados por brasileiros vindos da Zona da Mata mineira; os imigrantes e descendentes de alemães e pomeranos, concentrados na margem esquerda do rio Doce; e os imigrantes e descendentes de italianos. Esses núcleos formaram comunidades, constituídas pela reunião de algumas famílias em função das atividades econômicas e de uma liderança, assim “configurando um traço de tipo tradicionalista nas relações sociais” (GENOVEZ *et al.*, 2012, p. 11). Depois de anos de afastamento essas comunidades iniciaram uma aproximação a partir de 1950. Os autores afirmam que as festas e a educação foram importantes para o processo de formação de redes sociais mais coesas. Elas deram um significado ao território, assim como o transformaram, chegando ao ponto em que gerou uma unidade entre as comunidades, mesmo diante da manutenção dos traços culturais e religiosos voltadas para suas origens. Os autores abordam também a rede de poder constituído ao longo do processo de deslocamento da cidade, “os personagens que se sobressaem: a comunidade com seus núcleos, a Igreja (o padre), a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores e, finalmente, o Consórcio” (GENOVEZ *et al.*, 2012, p. 13). No aspecto

religioso, as narrativas dos moradores indicam a configuração de um espaço religioso atravessado por territorialidades que expressam não só responsabilidades de diversos grupos da comunidade como a liderança, praticamente inquestionável, do pároco. Foi a decisão isolada desse pároco, quando da transferência para a Nova Itueteta, que causou indignação às várias territorialidades que circulavam naquele espaço sagrado da igreja de São João Batista (GENOVEZ *et al.*, 2012).

Nicoli e Siqueira (2011) também contribuem para entender a relação dos ituetenses com a religião e com os templos católicos. Destacam-se desde os costumes que eram pautados pela tradução católica, como orações em família aos domingos, as festividades do padroeiro comemoradas em comunidade, com realce para a demonstração de fé e devoção desta comunidade através da construção de diversas capelas – *capitello* (italiano) – homenageando santos populares. As autoras ainda apontam que “estas capelas se transformaram em grandes e bonitas igrejas nas diversas localidades da Microrregião de Aimorés” (NICOLI; SIQUEIRA, 2011, p. 35).

Entretanto, este levantamento bibliográfico aponta algumas lacunas que ainda não foram estudadas sobre as cidades, que se mostram como objetos de pesquisa de diversas áreas do conhecimento. Faltam estudos aprofundados em áreas importantes como a saúde, economia, biologia e também quanto à arquitetura e ao urbanismo. Nos estudos desenvolvidos sobre Itueteta até aqui, no tocante à arquitetura ou urbanismo, foi feito um estudo – exatamente sobre as igrejas – mas não se aprofundou nas territorialidades percebidas e expressas através da arquitetura. Santos (2017) elaborou análises de elementos e ornamentos externos e internos das igrejas, considerando as representações de identidade da população através da arquitetura, mas o trabalho tem uma vertente disciplinar, com apontamentos voltados especificamente para aspectos estilísticos arquitetônicos. Existem muitos pontos em que estes aspectos podem ser investigados dentro da análise territorial, ganhando mais profundidade nas questões humanas e subjetivas, enriquecendo o olhar interdisciplinar sobre a questão.

No caso específico da Nova Itueteta as subjetividades deste contexto tão complexo, como as mudanças no traçado urbano e na paisagem, foram percebidas em função do deslocamento forçado, da padronização das edificações públicas e, principalmente, das moradias entregues pelo Consórcio. A avaliação pós-ocupação de uma cidade inteiramente reconstruída no seu aspecto físico, as referências e conflitos culturais e sociais atrelados aos cemitérios (antigo e novo) da cidade e o objeto de estudo desta pesquisa, as edificações da igreja católica e suas implicações subjetivas, merecem ainda atenção e estudos mais aprofundados.

Um dos momentos marcantes desse processo histórico de formação territorial de Itueteta é, exatamente, o seu deslocamento, ou melhor, desenraizamento. Para entender quão ampla é a questão, o *Forced Migration Online* (FMO)³ tem seis diferentes definições de migrantes forçados: Refugiados, Deslocados internamente, Refugiados internacionais, Deslocados por desastres ou meio ambiente, Deslocados do Desenvolvimento, Pessoas traficadas, Migrantes contrabandeados. Nesse caso, os moradores de Itueteta se encaixariam nos *Deslocados do Desenvolvimento*, mas, diante do que é observado no local e na bibliografia consultada, esse termo não se aproxima do sentimento e a percepção dos ituetenses sobre o que viveram e ainda vivem. Eles se sentem desenraizados, arrastados por um movimento forçado de deslocamento (deslocamento compulsório).

³ *Forced Migration Online* (FMO) é uma página de acesso *online* de conteúdo sobre migração forçada coordenada pelo Centro de Estudos sobre Refugiados, no Departamento de Desenvolvimento Internacional da Universidade de Oxford (EUA).

O termo adotado se justifica por compreender que esta expressão tem uma conotação subjetiva intangível que remete a algo fora do lugar, desencaixado, inadequado. Entendemos que os demais termos são aceitáveis ao tratar o tema, mas a abordagem desta pesquisa vai além de uma mudança de local. Enfim, trataremos de aspectos imateriais vividos por uma população que não fez uma escolha pela mudança, ou seja, foram deslocados forçosamente.

Ao tratar sobre deslocamento forçado em sua tese, Magalhães (2007) usa um título que, além de expor sua linha de pensamento, deixa claro as conclusões da autora ao analisar a questão: *Lamento e Dor*. Seu trabalho tem duas perspectivas de análise: o deslocamento compulsório, que é uma forma de deslocamento forçado, como problema público e como problema teórico e, posteriormente, enfatizando a questão humana, entra no contexto do lamento e da dor. Magalhães entende por *deslocamento compulsório* o processo onde, determinados grupos sociais, são obrigados a deixar ou transferir-se de suas terras ou casas, sem ter poder de deliberar sobre esse fato e onde se verifica um sofrimento social:

uma construção coletiva que, por um lado, se exprime na constituição de atores, na construção de uma memória e de uma narrativa sobre um acontecimento. E que, por outro lado, produz efeitos sobre os interesses e as práticas políticas (MAGALHÃES, 2007, p. 15).

O diagnóstico encontrado na visão pública sobre a questão é que “este lamento é transformado em um discurso estéril e repetitivo, traduzido em perdas econômicas. [...] que subsume o sofrimento, transformando-o em lista de coisas e bens materiais perdidos, inundados” (MAGALHÃES, 2007, p. 261). Uma das conclusões deste trabalho é a desestruturação causada por tal questão social e a importância do sofrimento provocado nessa sociedade, levando a um cenário imprevisível, compulsório e irreversível, transformando-o na ação e no sentido do sofrimento social, não podendo ser tratado como pano de fundo na questão.

As mudanças naturais na sociedade trazem incertezas que, para Castel (2003), somadas a situações de vulnerabilidade são causas do sofrimento social. O autor entende que a questão da vulnerabilidade é central ao tratar o tema do sofrimento social. Nesta mesma linha de pensamento, Werlang e Mendes (2013) afirmam que:

O sofrimento social não é apenas *um sofrimento*, mas um sofrimento que se instala/esconde nas zonas de precariedade, nas zonas sociais de fragilidade e cuja ação implica na perda ou possibilidade de perda dos objetos sociais: saúde, trabalho, desejos, sonhos, vínculos sociais, ou seja, o todo da vida composto pelo concreto e pelo subjetivo que permite viver a cada dia, a vida psíquica, a vida interior composta pela subjetividade (WERLANG; MENDES, 2013, p. 766).

Este aspecto subjetivo ligado ao sofrimento social é uma das maneiras de abordar o deslocamento forçado em consequência da construção de barragens hidrelétricas. Alguns estudos, a sua maioria desenvolvidos dentro da área da engenharia, trata o tema em uma abordagem mais pragmática e voltada para a produção de energia de baixo custo, limpa e renovável. São aspectos a serem considerados, mas não podem continuar sendo tratados de maneira isolada à subjetividade da vida humana, nem tão pouco, como prioridades. Vainer (1993, 1995, 2000, 2003, 2008) Barbosa *et al.* (2012), Giongo *et al.* (2016), Vignatti *et al.* (2016), Giongo (2017), Marques (2018) abordam o aspecto do sofrimento causado pela migração forçada em função da instalação de barragens hidrelétricas:

Essas obras vêm contribuindo para a naturalização do sofrimento das populações atingidas, através do discurso oficial do *mal necessário* para que o país possa ter benefícios e se desenvolver economicamente. Mas, para que isso aconteça, a vida de milhares de pessoas sem condições de defesa acaba sendo sacrificada, e elas experimentam as consequências negativas do crescimento econômico do país em suas próprias vidas (MARQUES, 2018, p. 30).

Sobre Itueta, foram encontradas bibliografias e relatos ligando o deslocamento da cidade ao sofrimento social indicado por Magalhães (2007). Analisando o cenário social da cidade, pode-se entender que o deslocamento forçado da população instaurou na comunidade a sensação de vulnerabilidade como a tratada por Castel (2003) e trouxe a fragilidade para o cotidiano de uma comunidade que, ao sair do seu território original, perdeu alguns objetos sociais significativos (WERLANG; MENDES, 2013). Em muitos trabalhos reunidos na pesquisa bibliográfica sobre a cidade, essa visão do sofrimento foi apontada. Santos e Siqueira (2015) destacam ainda a influência da memória e do espaço vivido nessa conjuntura, relatando que o desaparecimento de um território ou a redução da cidade à *planta baixa*, não o elimina da memória das pessoas que o construíram e foram marcadas e remarcadas por estes espaços vividos.

Para o arquiteto Juhani Pallasmaa (2017) a identidade cultural é um terreno insubstituível da nossa humanidade, é como uma sensação de possuir raízes e de pertencer. Segundo o autor as edificações antigas materializam as instituições sociais e históricas, fazendo compreender a evolução cultural. Assim, nos enraizamos de forma confortável no contínuo fluxo da cultura e do tempo. Por isso, todo tipo de deslocamento deve ser questionado de maneira coerente e fundamentada e, caso seja implantado, deve ocorrer de forma a gerar um impacto menos doloroso à comunidade que será deslocada, reduzindo a possibilidade de implantar condutas inapropriadas ao aspecto humano envolvido, especialmente aqueles que se relacionavam aos aspectos arquitetônicos e, em específico, aos símbolos sagrados, como no caso da Igreja de São João Batista, tratado a seguir.

A configuração das Igrejas de São João Batista a partir da Semiótica Social

A semiótica social trabalha com o conceito de *recurso semiótico*, que são os artefatos, de variados tipos, usados para comunicar a partir de significados e percepções entendidos dentro de um dado contexto. Não se trata, portanto, de uma teoria ou de um campo de estudo isolado, ela acontece a partir de uma aplicação em determinado campo social, ou seja, ela reivindica a imersão de quem a utiliza, já que não é apenas a aplicação dos conceitos e métodos, destacando assim a sua essencialidade interdisciplinar, unindo-se impreterivelmente ao campo social (VAN LEEUWEN, 2005).

Dessa forma, a aplicação da semiótica social no contexto de Itueta parte do entendimento do que já foi exposto até aqui sobre todo o cenário social instalado a partir do desenraizamento dos ituetenses. A semiótica social só pode ser aplicada a partir da compreensão da formação histórica do território inicial e suas tessituras sociais, da importância dada pela própria população ao templo que foi demolido, das circunstâncias do deslocamento forçado e da entrega de um templo com características arquitetônicas muito diferentes daquelas que a população entende como sagradas.

Para a elaboração do inventário dos símbolos sagrados encontrados, na arquitetura sacra das igrejas focaremos cinco elementos: a) segregação (dois ou mais elementos ocupam universos visuais inteiramente diferentes, e isto indica que eles devam ser vistos como pertencentes a ordens diferentes); b) separação (dois ou mais elementos estão

separados por espaços vazios e, isto quer dizer, que podem ser vistos como similares em alguns aspectos e diferentes em outros. Ou seja, há desconexão entre elementos com um espaço livre entre eles, criando uma espécie de zona de amortecimento ou uma terra de ninguém entre eles); c) permanência (possibilidade de flexibilizar ou dinamizar enquadramentos favorecendo a estadia no espaço. Além disso, pode ser entendido externamente, como uma construção duradoura); d) permeabilidade (apesar de um fechamento total ser possível, a maior parte das paredes tem portas e janelas que permitem a permeabilidade. É a capacidade do olhar, da luz, do vento, da pessoa entrar no ambiente); e) rima (dois elementos – ainda que separados – têm similaridades e diferenças pelo uso de cores e materiais, por exemplo. É a composição harmônica do ambiente, ou a ausência dessa característica) (VAN LEEUWEN, 2005). São esses elementos que nortearão a apreciação de cada igreja, intrinsecamente relacionados ao seu contexto social.

A antiga Itueta era tipicamente uma pequena cidade mineira do interior. Todos os moradores se conheciam, o convívio era harmonioso, as pessoas conversavam nas calçadas e na praça. O sino da igreja matriz anunciava as horas e o seu alto falante funcionava como uma rádio que só comunicava notícias locais. Na parte central, em um ponto mais elevado que as casas e os comércios do centro da cidade, ficava a igreja católica matriz da paróquia São João Batista. Ponto de referência não só como forma de orientação ou especificamente para a sua comunidade de frequentadores, o templo era, para toda a comunidade ituetense, um símbolo de respeito, reunião social e uma expressão de sacralidade independente da crença (COSTA, 2011). A bibliografia consultada indica uma ligação muito grande de todos os moradores com o templo da igreja católica. Isso se deve a uma série de fatores, mas dentro do cenário estudado, identificamos dois pontos elementares: o pertencimento e a identificação.

O templo da antiga Itueta foi construído pelos próprios moradores, seja de forma direta, trabalhando na construção física do edifício, ou de maneira indireta, promovendo ações para arrecadar fundos para a construção. A comunidade se envolveu desde o começo e ao longo dos anos foi melhorando aos poucos a igreja por dentro e por fora. Costa (2011) colheu muitas entrevistas de moradores e constatou que eles tinham a igreja como uma referência para a cidade, um cartão postal, um centro do estreito convívio social. Podemos entender que eles se sentiam pertencentes a este espaço e acolhidos, bem como fica claro, pela naturalidade com que ali transitavam, o apego ao lugar demonstrado por todos. Eles sentiam a igreja como algo deles, ou seja, assim como a igreja pertencia a eles, eles também pertenciam à igreja, tendo em vista que participaram de sua construção e desenvolvimento.

Costa (2011, p. 156) relata que “as pessoas a viam como uma construção muito bela e como o lugar que se caracterizava para além das celebrações e liturgias católicas, sendo, portanto, um espaço de convívio social da comunidade em geral”. Ela trazia elementos arquitetônicos que, como era de se esperar, são tradicionais na região, são marcas internas e externas de uma referência de beleza e de sacralidade.

A igreja tinha como componente principal da fachada a torre central, onde havia o sino. Todavia, existem outros elementos que compõem a imagem que os ituetenses identificam como *igreja católica*. Os arcos ogivais, os óculos, os pináculos, o telhado aparente na torre, os tímpanos, cornija e cimbalha, todos esses detalhes compõem a fachada com minúcias e ornamentos, apontando para o alto, onde há um arremate muito simbólico com a cruz. Os vários ornamentos usados na fachada trazem um aspecto artesanal à edificação, no sentido de algo mais trabalhado e feito com carinho e cuidado, como um bordado ou uma confeitaria, desenvolvido por mãos de artesãos que se orgulhavam do trabalho final. Este edifício religioso tem a marca de quem a edificou, a comunidade.

A partir dos elementos semióticos considerados, foi possível identificar no caso da igreja da antiga Itueta que: a) Segregação: a escadaria é o ponto de segregação da igreja com o plano acima, ocupado pela cidade, demonstrando a dicotomia sagrado x profano e demonstrando que os dois planos – igreja e cidade – pertencem a ordens distintas; b) Separação: observamos que o telhado aparente da torre separa a cruz dos demais elementos da fachada, são, portanto, elementos similares, mas que se diferem em importância. A cruz vista como sinal do Cristo crucificado, um dos símbolos mais fortes do cristianismo, é destacado no alto da torre; c) Permanência: há uma continuidade espacial vinculada ao padrão local das igrejas; d) Permeabilidade: as paredes têm janelas e porta que permitem a entrada de luz e ventilação e o observador externo pode perceber movimentação dentro da edificação, caso haja; e) Rima/contraste: através dos arcos ogivais a janela sineira e as demais janelas da fachada se assemelham, assim como a cor branca une cornija, cimbalhas e os pilares, os destacando na fachada, criando um detalhe que quebra a monotonia visual.

De modo mais detalhado, as linhas da fachada são de predominância vertical, tendo como destaque as janelas, a torre e os pináculos quase como setas que apontam para o alto. Trazendo para uma leitura de significados, estes elementos se dispõem de uma maneira como se apontassem o céu e o buscasse ao mesmo tempo, entrando assim numa sensível simbiose entre a forma e a crença. O interior da igreja da antiga Itueta traz alguns dos elementos que são encontrados no exterior, os arcos ogivais, óculos, pináculos e cimbalhas. Além disso, existem outros ornamentos, típicos do ambiente interno da arquitetura sacra como altares menores, estações da via sacra nas paredes, retábulo e o piso em ladrilho. A repetição dos elementos externos no interior da igreja demonstra como estas formas são simbólicas para a comunidade de Itueta. Além disso, pode-se entender que esses, somados ainda a outros ornamentos, geram uma composição rica em detalhes.

Todos os estudos sobre a cidade da antiga Itueta mostram que seus moradores tinham aquele templo como referência de beleza e de união social. Ele era um dos pontos centrais física e culturalmente para aquela comunidade. Sendo assim, pode-se compreender que aquele templo teve uma existência para além das fronteiras da religião, tornou-se um símbolo muito forte também para os ituetenses não católicos. Ou seja, aquela arquitetura se tornou uma referência sociocultural de um templo religioso.

É interessante entender que a igreja da antiga Itueta, a princípio, pode ser analisada de forma isolada, mas as duas igrejas na Nova Itueta estão dentro de um mesmo enquadramento visual (uma ao lado da outra), por isso mesmo que alguns elementos quando analisados de forma mais aproximada, ainda sim, fazem parte de um cenário complexo contendo as duas edificações religiosas, como será tratado no item a seguir.

A mudança da população para a nova cidade deu-se em circunstâncias conflituosas, onde a maior delas está ligada diretamente à igreja católica da cidade. O novo templo não só desagradou à comunidade, como foi rejeitado por muitos ituetenses. Para corroborar com este ponto, além do fato da população ter construído um outro templo, há elementos que demonstram o sentimento de desagrado da população, após a mudança da cidade. Fato relatado em entrevistas onde:

os relatos de indignação com a construção do templo da igreja na nova cidade, levou a um afastamento de muitas pessoas do convívio comunitário. [...] entrevistados, que chegaram a comentar que a igreja da nova cidade não conseguiu mais juntar as pessoas como se dava com a antiga (COSTA, 2011, p. 156).

O atual volume externo da igreja entregue pelo Consórcio é, a princípio, um templo

cristão moderno como tantos outros. Mas, é exatamente essa a principal questão: o contexto cultural e identitário no qual este templo foi inserido. A arquitetura escolhida para a edificação já não tem muitos elementos e referências da Igreja Católica, inclusive, a cruz que é vista atualmente na entrada do templo, foi colocada lá um tempo após o final da obra. Isso foi necessário para deixar claro que aquela é uma edificação religiosa cristã.

Os mesmos referenciais semióticos que foram aplicados à igreja da memória, podem investigar agora a igreja entregue pelo Consórcio, ainda observando-a de forma isolada: a) Segregação: não há segregação ao observar a igreja. Apesar de ficar em um plano acima do nível da rua, a escada fica na lateral (de frente para o outro templo) e o acesso é feito através de um pátio de entrada; b) Separação: a fachada do edifício se caracteriza por ter uma *linha contínua* em sua forma, não provocando essa separação; c) Permanência: como estudamos o contexto da edificação, apuramos que a cruz que se destaca na fachada foi inserida pela comunidade após a entrega pelo Consórcio, sendo assim pode-se entender que a própria comunidade não assimila este elemento como um elemento permanente da edificação, e sim, algo provisório; d) Permeabilidade: as paredes externas frontais da igreja não têm janelas, tem porta única que promove acesso lateral, a porta é bem alta e se abre em duas folhas. A ausência de janelas e porta frontal provoca a sensação de enclausuramento, dessa forma a edificação, dentro do contexto social em que foi inserida, traz mais semelhanças à uma edificação carcerária que a um edifício religioso; e) Rima/contraste: o volume do templo do Consórcio é todo em um mesmo material, pedra São Tomé cortada em quadrados, havendo contraste com a cruz de madeira inserida pela comunidade e com delicados frisos metálicos que seguem a forma das paredes frontais, mas não se constituem como símbolos exatamente por não terem destaque no conjunto. O volume da igreja tem forma arredondada na frente, que apesar de ter curva uniforme, promove certo movimento. Sem muitos elementos fixos contrastando, a fachada do templo se torna pouco expressiva, principalmente se analisadas as referências culturais da comunidade a que se destina.

Os elementos semióticos implicam numa arquitetura proposta intencionalmente com menos ornamentos e elementos. Mas, essa falta de referências visuais dos símbolos que os moradores, além de considerarem belos, tinham como sinal de sacralidade, fez com que a edificação deixasse de ter a importância e significância primordial para sua aceitação como templo religioso pelos seus frequentadores. Na igreja do Consórcio a comunidade não consegue se sentir verdadeiramente em um espaço sagrado. A forma da igreja do consórcio é horizontal e arredondada; não há a verticalidade tão marcante que havia na fachada da antiga igreja, não existe mais a referência de entrada. O portal de acesso ao interior do templo novo fica de maneira que todos entrem lateralmente, tornando o acesso menos convidativo e assim, simbolicamente, torna o edifício menos acessível à comunidade.

O acabamento em único material e cor trazem à fachada ainda mais monotonia e um aspecto comercial ou empresarial, sem traços culturais e referências etnográficas. O prédio tem características modernas, negando ornamentos e priorizando o funcionalismo, numa distorção muitas vezes provocada pelo movimento modernista durante o século XX, que trazia o ideal de *limpeza visual*. Todos esses elementos, ou ausência deles, acabaram por retirar daquele espaço as características que o faziam ser reconhecido como sagrado, transformando-o em objeto sem significado, principalmente para quem se destinava.

Assim como a fachada, o interior do templo traz também as ideias difundidas pelo modernismo. Com poucos ornamentos, a igreja tem um ambiente visualmente mais *limpo*, ou seja, com menos detalhes e faz vasto uso da cor branca. Atente-se para



a existência de *óculos*, que não estão presentes na fachada principal da edificação. Observamos também consolos e, ao fundo do presbitério, tem-se uma parede com cor diferente onde fica o *crucificado*. O ambiente tem o formato de um leque, incomum aos costumes da região e o forro ondulado é igualmente atípico.

Ao estudar arquitetura religiosa, Lima (2012) indica uma mudança na tradição judaico-cristã no início da idade moderna quando a arquitetura sacra deixa de ser desenvolvida exclusivamente por cristão praticantes, passando a ser elaborada, na maioria das vezes, por artistas ou arquitetos, alheios à prática religiosa, gerando templos com apelo visual, mas desvinculados da mistagogia⁴ católica. O teólogo ressalta casos mais graves quando o arquiteto, além de não ter o olhar religioso, tem pouca sensibilidade artística.

Compreende-se então que, pelo menos no ponto de vista dos ituetenses, a igreja do Consórcio se encaixa como um desses casos graves, lembrando o estudo produzido por Lima (2012), já que traz poucas referências simbólicas. Ela não contém os elementos considerados belos pela comunidade a que se destina. Não há vínculos de familiaridade. Não se liga à identidade das pessoas, assim, não conecta as pessoas a um determinado espaço sagrado, numa efetiva territorialização. Ao invés disso, traz referências estranhas à arquitetura conhecida pela comunidade, criando um novo ambiente, concomitante àquele presente na memória dos moradores de Itueta.

A familiaridade da comunidade com o antigo edifício e a memória social é que são determinantes para então, revelar a necessidade de ter uma edificação semelhante àquela que foi demolida, justamente, em função da falta de aceitação do edifício

⁴ Ato de iniciar e instruir (alguém) nos mistérios de uma religião.

novo, que é, sem referências, sem raiz, sem territorialidade, portanto, sem identidade. A rejeição ao templo entregue pelo Consórcio fica muito mais evidente quando a comunidade decide construir uma nova igreja (Figura 2). Um espaço que servisse de referência para toda cidade como templo religioso e para os católicos como espaço sacro.

O templo, ainda em construção pela comunidade, não tem todos os materiais de revestimento e não recebeu pintura. Mesmo assim, consideramos pertinente analisar a imagem que se tem no momento: a) Segregação: a escadaria aparece aqui também como o ponto de segregação da igreja com o plano abaixo, a cidade, distinguindo o espaço sagrado do profano; b) Separação: observamos que além do telhado aparente da torre, há também um grampo separando a cruz dos demais elementos da fachada. A cruz fica em evidência, concedendo assim ainda mais força a este símbolo; c) Permanência: neste caso, a própria condição de construção inacabada remete a uma situação transitória, no contexto da cidade, este quadro temporário é motivo de expectativa e tem sua evolução acompanhada por toda a comunidade, d) Permeabilidade: as janelas e porta tem grande destaque na fachada, além disso permitem a entrada de luz, ventilação e o olhar do observador externo, estes elementos são destacados por cimbras que enfatizam os arcos ogivais e dão mais representatividade às aberturas; e) Rima/contraste: em função da ausência de cores e materiais, por enquanto, os arcos ogivais presentes nas janelas sineiras, na porta e nas demais janelas da fachada promovem uniformidade entre elementos, além dos pináculos se assemelharem com a torre e com cimbras em formato triangulares localizadas acima da porta e da janela cinera.

Para completar a análise semiótica destas imagens, deve-se então entendê-las como uma mensagem, uma representação de algo que pode ser traduzido ou lido com as significâncias sociais do contexto. Serão tratadas aqui, neste artigo, como palavras de um texto, um discurso. Como os discursos são construídos a partir de algum aspecto da realidade, eles se desenvolvem dentro de um contexto social específico e podem se dar a partir de amplos contextos com dimensões globais ou pequenos, como um ambiente familiar, por exemplo (VAN LEEWEN, 2005).

Os elementos semióticos indicam novamente a torre do sino imponente sobre a paisagem, localizada no centro de uma fachada simétrica formada, principalmente, por linhas que apontam para o céu e assim, verticalizam o olhar de quem a observa. A igreja está novamente no alto de uma escadaria, com um pátio de entrada que antecede a portada, mas essa passagem é mais exuberante que da igreja antiga, assim como as janelas e todas as aberturas com o arremate superior em arcos ogivais. A torre tem a cruz no topo e o telhado aparente, porém, o acabamento entre estes dois elementos é feito com uma grampa, ornamento que não existia na igreja antiga.

A igreja da comunidade se impõe sobre a edificação a seu lado em altura, tamanho, forma, janelas, portada, ornamentos e símbolos, nos pontos de vista quantitativo e qualitativo da questão. Ressaltamos que a igreja do Consórcio não tem em sua fachada janelas, óculos, pináculos, cimbras e os demais elementos que a comunidade valoriza. Além disso, a proporção de altura entre as duas edificações é aproximadamente de um para três, ou seja, a igreja da comunidade é três vezes mais alta que o templo entregue pelo consórcio. De todas as maneiras possíveis, a edificação ainda inacabada busca inferiorizar a igreja construída pelo Consórcio e este *recado* vai se evidenciando quanto mais o observador se aproxima dos prédios.

Analisando a arquitetura dentro de um contexto hierárquico, entende-se que as dimensões são uma maneira de determinar a importância ou a relevância, ou seja, uma edificação que quer demonstrar ser mais relevante que a outra se coloca mais alta

e maior, mas não são só estes os aspectos que provocam sensações no observador de uma edificação. No caso de Itueta, pode-se observar na igreja da comunidade como a quantidade de janelas e ornamentos, por exemplo, são tão imponentes quanto suas dimensões, principalmente, quando as comparamos com a edificação do templo entregue pelo Consórcio. Hierarquicamente, a igreja da comunidade se apresenta imperativamente sobre o templo ao seu lado que parece estar encolhido diante de outro com tanto vigor.

Outra semelhança encontrada entre as igrejas idealizadas pela comunidade das cidades de Itueta, são as linhas verticais da volumetria. Do mesmo modo como apontamos na igreja da memória, podemos fazer a mesma análise pragmática dos traços predominantemente verticais e das linhas usadas para compor a fachada que não têm o mesmo sentido. Assim como na igreja da antiga Itueta, essa linguagem remete a um direcionamento ao alto, tanto do olhar do observador quanto da crença do fiel, unindo a forma ao significado, indicando a volumetria arquitetônica em análise como um símbolo sagrado validado como tal e estimado pela população. Dentro desta compreensão afirmamos a arquitetura sacra destas igrejas, em seu conjunto, como recurso semiótico.

Esta nova edificação possui volumetria, elementos e ornamentos semelhantes à igreja da antiga Itueta. Todavia, o templo que a comunidade se propõe a construir é, na verdade, uma imponente demonstração de negação à edificação entregue pelo Consórcio. Na comparação da proporção, visualmente, é possível identificar que o novo templo se ergue como uma fortaleza diante da pequena construção da igreja do consórcio. Essa sensação se acentua também em função das linhas predominantemente horizontais do edifício rejeitado pela comunidade.

O interior da igreja da comunidade não será analisado neste trabalho por ainda estar incompleto, faltando muitos acabamentos que comprometeriam uma análise minimamente próxima à investigação feita nos demais templos estudados.

A constituição da multiterritorialidade a partir da arquitetura

A partir deste cenário pode-se entender que ao buscar elementos, ornamentos e formatos, da igreja antiga, resgatando a memória e a identidade da comunidade, a arquitetura da igreja em construção, revela concretamente a presença do território da antiga Itueta, ao mesmo tempo em que as proporções e a quantidade de ornamentos se contrapõem ao território do consórcio, exposto pelo templo sem significado para a comunidade. Vê-se assim, os vários territórios presentes: Itueta antiga, consórcio e Nova Itueta, coexistindo e influenciando na vivência das pessoas que se relacionam com eles. Assim, as multiterritorialidades transparecem através da arquitetura sacra da igreja católica da matriz da paróquia São João Batista de Itueta.

Numa leitura dos elementos externos tem-se alguns pontos que se destacam: a diferença de estilos arquitetônicos entre as duas igrejas da Nova Itueta, a semelhança da igreja da comunidade com a matriz da Itueta antiga; assim como, a exuberância do templo em construção em contraponto à igreja do Consórcio. O discurso da disparidade é também a busca pelas identidades dos ituetenses. É a comunidade, com uma igreja nos moldes da antiga, expressando a rejeição ao templo entregue pelo Consórcio. Esse discurso externaliza a rejeição ao modo como o Consórcio propôs a territorialização de um espaço arquitetônico com dimensões sagradas, usando de referências simbólicas que a comunidade não reconhece enquanto tais e acaba por se tornar uma edificação que se liga mais a uma ideia comercial que religiosa. Por isso, a comunidade entende o templo do Consórcio como algo mais ligado ao profano que ao sagrado, afastando

também o sentimento da familiaridade com esse espaço.

A semelhança da igreja da comunidade com a igreja antiga pode ser entendida como um discurso de identidade, um reforço à tradição cultural daquela população. A comunidade expressa, assim, sua maneira de territorializar um dado espaço arquitetônico, buscando estabelecer algum tipo de pertencimento através dos seus símbolos, marcando tal espaço com sua cultura e identidade.

A leitura que se evidencia mais interessante dentro deste contexto complexo, é o vigor que a igreja da comunidade demonstra ter em comparação com a igreja do Consórcio. Além da altura, existem as janelas, portas, cimbalhas, torre, pináculos, tudo em busca de uma suntuosidade identitária. A igreja da comunidade é vigorosa e ofusca o templo do Consórcio como se o achatasse, como se esmagasse junto a tentativa de imposição territorial do consórcio.

Ainda mais interessante é quando se entende que esta igreja embora inacabada, é também mais vivaz que a sua referência, a igreja da memória. O novo templo da comunidade, não replica pura e simplesmente a igreja da antiga Itueta, é como se ele fosse a evolução da igreja que atualmente só existe na memória, como uma homenagem, uma exaltação àquele símbolo da cultura, da sacralidade, da arquitetura e das identidades daquela comunidade.

Trazendo as ponderações de Haesbaert (2007) para o contexto do objeto de estudo, a identificação simbólica com o espaço e o grande valor que os símbolos têm para a comunidade, indicam uma identidade social, com um vínculo estreito com a arquitetura. Mais do que a sua localização (quer seja na Itueta antiga, quer seja na nova), os templos têm valor simbólico e são parte fundamental para os processos de territorialização da população da cidade. Obviamente fazem parte da realidade concreta (objeto físico), mas também do campo das ideias, já que seus símbolos são de grande valor para a comunidade e demonstram identificação, da mesma maneira que interferem na constituição das multiterritorialidades.

Dessa forma, é possível compreender que o deslocamento forçado da cidade, não trouxe aos seus moradores a chamada desterritorialização. Já que a Itueta antiga se mostra presente e imponente através das memórias e da necessidade dos símbolos. Nesse sentido, pode-se entender a constituição das multiterritorialidades, tratada por Haesbaert (2004), como um movimento complexo de territorialização, onde há a vivência constante e concomitante de diversos territórios.

Assim, na Nova Itueta a necessidade de memória transforma os símbolos que existiam na antiga igreja como elementos essenciais, que estarão presentes (em que pese a sua releitura) dentro do novo espaço. Pode-se dizer que o passado se torna atual, sem se desvincular do novo contexto que se apresenta. A nova e a antiga Itueta estão presentes na vivência dessas pessoas, expondo a multiterritorialização conceituada por Haesbaert (2004; 2007). Essa multiterritorialização é tão forte que uma nova arquitetura religiosa, com estilo diferenciado, não foi aceita pela população. Era necessário ter os símbolos que a antiga igreja tinha. Por isso, se fez indispensável construir um novo edifício religioso que remetesse ao antigo território, que, claramente, não foi desterritorializado.

A relação entre o território, as territorialidades e a religião são estudadas pela Geografia Cultural já há algum tempo a partir da influência de autores como Tuan (1980) e Bonnemaion (2002). A partir da década de 1990 começaram a surgir estudos brasileiros sobre a Geografia da Religião, a partir da nova Geografia Cultural. Destes estudos mais recentes se destacam Gil Filho (2007) e Rosendahl (2013). Esta última, em muitos trabalhos, aprofunda as análises das territorialidades da religião católica e

tem sua abordagem de pesquisa apoiada na dicotomia sagrado-profano. Rosendahl (2013) tem seu olhar voltado para as representações espaciais visíveis da religião, buscando conciliá-las com os aspectos místicos do tema. Gil Filho (2007) estuda as questões mais subjetivas do assunto, com caráter fenomenológico. Suas pesquisas buscam compreender os sentidos das ações religiosas.

Para Rosendahl (2013), se entendermos o território religioso como reflexo de um espaço vivido no cotidiano da fé, pode-se compreender o fortalecimento das relações e os fluxos instalados no espaço, gerando assim uma identidade religiosa e um sentimento de pertencimento de um determinado grupo religioso. A geógrafa aponta a indissociabilidade entre território e identidade e afirma que “o território favorece o exercício da fé e da identidade religiosa do devoto” (ROSENDAHL, 2013, p. 108).

Analisando a relação entre a prática religiosa e os lugares, Rosendahl (2013, p. 112) interpreta que “a religião imprime uma marca na paisagem por meio da cultura” para discorrer que a ocupação humana dos espaços e o uso de símbolos, criam espaços simbólicos e transformam aquele espaço em lugar, ligando o conceito de lugar sagrado com o significado cultural do indivíduo ou grupo religioso. Desta forma, cada comunidade religiosa tem seu modo de vivenciar o lugar, de forma a constituir um ponto fixo em que reencontra suas lembranças (ROSENDAHL, 2001, 2005, 2013):

A experiência da fé, em termos geográficos, deve ser explorada no lugar em que ela ocorre este lugar está impregnado de simbolismo e não foi meramente descoberto, fundado ou construído, mas reivindicado, possuído e operado por uma comunidade religiosa (ROSENDAHL, 2013, p. 112).

Buscando uma análise com vértice voltado para as questões subjetivas que envolvem a religião e seus símbolos inseridos no território, como já foi dito neste trabalho, Pereira e Gil Filho (2012) se apoiam nas ideias de Cassirer (1994), que compreende o homem enquanto um ser simbólico. Desta forma, supera-se a vida biológica e passa-se de uma vida em um universo de fatos para um universo simbólico. Assim, Gil Filho defende que:

A religião é parte deste universo pleno de significados que faz parte indissociável da experiência humana. Sendo assim, o homem não está somente diante da realidade imediata, mas à medida que sua prática simbólica se realiza ele busca os significados da existência. O homem é o protagonista deste conhecimento simbólico e desta prática social da religião (GIL FILHO, 2007, p. 210).

A Geografia Cultural através da Geografia da Religião estuda, portanto, a relação que as pessoas desenvolvem com os lugares sagrados. Tuan (1980), afirma que as pessoas criam e mantêm ligações emocionais por meio das edificações ou lugares sagrados. Rosendahl (2005) por sua vez, entende que territorialidade religiosa é o conjunto de práticas realizadas por instituições ou grupos com intenção de controlar um território, onde o poder do sagrado transmite a identidade de uma determinada fé e um sentimento de propriedade mútuo, sendo essas territorialidades fortalecidas pelas experiências religiosas que o grupo mantém no lugar. Assim, a autora compreende que é pelo território que se estabelece a relação simbólica que existe entre cultura e espaço. A geógrafa ainda afirma que a religião imprime marcas que identificam e delimitam um dado território religioso.

Enfim, com base nos estudos de Rosendahl (2001, 2005, 2013), Gil filho (2007) e Haesbaert (2004; 2007) e os relacionando com o panorama encontrado em Itueta, pode-se entender que ao mudar as marcas e símbolos da edificação religiosa entregue

à comunidade católica, o Consórcio entra em conflito com a identidade católica já configurada e com a relação simbólica existente entre o espaço sagrado e a cultura daquela comunidade. Essa circunstância surge a partir da ausência de pertencimento, gerada em função da dificuldade de apropriação. Não ocorre uma territorialização de fato da igreja construída pelo Consórcio, tão pouco ocorre uma desvinculação da igreja da Itueta antiga, fato que gera sofrimento e dor à população. Essa *precarização* territorial se expressa no esforço comunitário dos católicos em iniciar a construção de uma *nova* igreja ao lado daquela entregue pelo Consórcio. Nesse sentido, vislumbra-se uma espécie de *empilhamento* de territorialidades (multiterritorialidade). São múltiplas territorialidades que se expressam e se articulam a um *território sagrado* composto por infindáveis níveis de significação.

Considerações finais

Da integração dos conceitos e disciplinas proposta neste artigo emerge uma perspectiva interdisciplinar capaz de lançar, sobre o objeto em análise, algumas luzes que escapam de uma disciplinaridade pautada somente na arquitetura. Em outras palavras, a complexidade que envolve o deslocamento de Itueta e, em específico, seus templos católicos, exige um olhar inovador ao tirar a arquitetura de seu lugar comum. A dor e a angústia dos ituetenses extrapolam um entendimento meramente arquitetônico e nos coloca frente a questões históricas, religiosas, territoriais, psicológicas e semióticas. A Geografia da Religião com sua abordagem do território como plural e subjetivo, a Arquitetura Sacra com os símbolos sagrados e seus significados, e a História da população através de sua memória coletiva se tornam intrínsecos ao cenário da pequena cidade que fora deslocada. Inúmeros fenômenos ao mesmo tempo, dão conta de uma situação de luto pela grande perda não só de objetos concretos, mas também de relações e de objetos simbólicos. Para muitos, a erradicação apresentou-se como um grande velório que em muitos casos ainda não terminou; o defunto continua sendo velado (CAZAROTTO; GENOVEZ, 2015). Por isso, ainda que não tenha sido foco neste ensaio, e não seja fácil de ser avaliado, a dimensão psicológica – o sofrimento – não deveria ser deixada de lado em análises de casos semelhantes.

Os aspectos arquitetônicos analisados nos três templos mostram a abrupta ruptura que a população viveu. Não se verifica no templo edificado pelo Consórcio uma ligação ou mesmo a preocupação de se manter um vínculo com a comunidade. Não há uma referência visual de continuidade histórica necessária na formação de identidade. Pallasmaa (2017) afirma que esse sentido histórico é que traz a possibilidade da existência de significados culturais coletivos e propósitos sociais. Com a promessa de entregar um templo mais *moderno* para a população o Consórcio entregou uma edificação que forçava a população a conviver com um espaço que não é reconhecido como sagrado e não agradou visual e sentimentalmente àquela população.

A *nova* igreja construída pelos moradores coloca em paralelo no tempo-espaço a Itueta antiga e o templo católico original, demonstrando a presença deste território vivo na memória da população. São, portanto, diferentes territórios coexistindo através da memória coletiva. Pallasmaa (2017) faz a ligação do sentimento de enraizamento com a arquitetura, argumentando que os lugares antigos são importantes principalmente porque são capazes de estruturar e modificar nossas experiências de mundo. Além disso, enriquecem nosso mundo sensorial e empírico, enraizando as pessoas no curso do tempo e oferecendo sensação de proteção e segurança. Dessa forma, a arquitetura carregada de significados permite ao indivíduo se sentir como ser corpóreo e espiritualmente completo. Isto posto, a arquitetura entregue aos ituetenses pelo Consórcio não atendeu aos anseios culturais, espirituais e visuais da população; não desenvolveu raízes por desconsiderar as experiências de mundo daquela população e,

por fim, o templo não lhes proporcionou a proteção espiritual desejada.

Ao se visitar o contexto da nova Itueta, articulando-o aos conceitos estudados, nota-se a antiga cidade presente na memória coletiva, ao se perceber a busca pelos costumes, a intenção de tornar o espaço mais familiarizado, a clara necessidade de ter a identidade impregnada no espaço sacro através da arquitetura. Por todos esses elementos, constata-se a configuração tensa de uma multiterritorialidade: a antiga Itueta, o território do Consórcio e a nova cidade, fundidos num único espaço proposto pela própria comunidade através da igreja de São João Batista, erguida ao lado do templo entregue pelo consórcio. A arquitetura sacra conseguiu trazer à tona os múltiplos territórios existentes em Itueta por carregar os símbolos assimilados e identificados pela população, por ser capaz de demonstrar a fé, a cultura religiosa, a memória e o pertencimento tanto em sua forma concreta quanto através do imaterial, servindo de instrumento de territorialização para aquela comunidade.

Pallasmaa (2017) entende que o significado arquitetônico é sempre contextual, relacional e ligado ao tempo, que só articulando o passado às grandes obras se consegue atingir densidade e profundidade. Os produtos da novidade superficial são frágeis, incompreensíveis e carentes de significados. Os templos católicos da paróquia São João Batista da antiga e da nova Itueta, são exemplos práticos dessa afirmação. Ao negar a história e o contexto da antiga Itueta, o Consórcio produziu um templo que foi imediatamente descartado pela população que não vê significado algum naquela edificação pelo fato de não apresentar os símbolos em sintonia com sua referência cultural.

O templo construído pela comunidade não é uma réplica da antiga igreja. Ele é maior, apresenta técnica, ornamentos e elementos externos e internos mais elaborados e mais atuais. Tem referências claras ao templo demolido e cumpre uma função de oposição ao templo do consórcio. É uma demonstração de como a comunidade rejeita o Consórcio e quer colocar sua identidade na nova cidade. Em outras palavras, a arquitetura usada no templo da comunidade é a representação da identidade, demonstrando a familiaridade da comunidade local com o espaço. Não é uma cópia do templo antigo. Trata-se de uma contraposição do templo que está ao lado cuja evocação externa remete mais a uma empresa que a um espaço sagrado.

Isso posto, pode-se afirmar que a linguagem condiciona conceitos e as maneiras de usar o espaço, ou seja, a geometria de nossa linguagem articula nosso ser-no-mundo e, assim, ela define o território pessoal. Para Pallasmaa (2017, p. 24) “é frustrante ser forçado a viver em um espaço que não possa ser reconhecido e marcado como um território pessoal”. Em Itueta, esses conceitos são evidentes. A ausência dos símbolos religiosos e da arquitetura considerada sacra pelos ituetenses na nova edificação, mas presentes na memória coletiva da população, colaborou com a formação de múltiplos territórios e provocou a frustração da comunidade carente das referências de identidade e pertencimento.

A memória coletiva em Itueta mostra ter *raízes culturais* sedimentadas na história. Pallasmaa (2017) trata este aspecto como um *senso histórico*, cuja dimensão mental internalizada é capaz de vincular o arquiteto e o artista com a continuidade da cultura, tida como coluna vertebral de sua linguagem e eloquência. Desta forma, pode-se afirmar que os múltiplos territórios e a arquitetura se tornam consubstâncias através de um contexto permeado de significados histórico-culturais que fazem parte de uma memória coletiva intrinsecamente vinculada ao passado, mas em contínua transformação. O discurso que é possível aduzir diante das duas edificações das igrejas católicas da nova Itueta é evidente: a comunidade e sua história, seus costumes e crenças, sua cultura e identidade, são maiores, mais fortes e mais poderosos que o Consórcio,

seu dinheiro, suas esquematizações de custos e as suas articulações políticas. A imposição de um templo completamente diferente do que existia na antiga Itueta não foi suficiente para calar um povo que sofre com uma mudança brusca e completa do território, mas que luta para territorializar verdadeiramente o novo espaço. A experiência de Itueta é um alerta para que a arquitetura não se torne protagonista de futuros *crimes antropológicos* ao contribuir para um desenraizamento desumano e insensível. E como dizia Simone Weil: o povo que esquece seu país torna-se um povo perdido; e no caso de Itueta, é um povo em permanente velório, revivendo continuamente seu sofrimento e a dor de sua perda, sem chegar a elaborá-la.

Referências

BARBOSA, Eduardo Macedo; BARATA, Martha Macedo de Lima; HACON, Sandra de Souza. A saúde no licenciamento ambiental: uma proposta metodológica para a avaliação dos impactos da indústria de petróleo e gás. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 299-310, fev. 2012.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). *Geografia cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. p. 83-131.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio Sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTEL, Robert. Des individus sans supports. In: CHÂTEI, Vivianne; SOULET, Marc-Henry. *Agir en situation de vulnérabilité*. Québec: Les Presses de L'Université Laval, 2003. p. 51-62.

CAZAROTTO, José Luiz; GENOVEZ, Patrícia Falco. Itueta-MG e a singularidade de seus tempos e espaços. *Anthropos* (Fribourg), v. 110, p. 99-119, 2015.

COSTA, Priscila Rosa Bandeira da. *O sentido diferenciado do deslocamento compulsório da população de Itueta, MG*. 2011. 265 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. (vol. 2) Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, v. 2.

GENOVEZ, Patrícia Falco; VALADARES, Vagner Bravos; SANTOS, Thiago Martins. Entre as fronteiras do poder, do cotidiano e da narrativa: a experiência da realocação da 'Nova' Itueta. *Clio*, Recife, v. 2, n. 30, online, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24389/19747> Acesso em: 10 mar. 2016.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sílvio Fausto (org.). *Da percepção e Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007. p. 207-222.

GIONGO, Carmem Regina. *“Futuro roubado”*: banalização da injustiça e do sofrimento social e ambiental na construção de hidrelétricas. 2017. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

GIONGO, Carmem Regina; MENDES, Jussara Maria Rosa; WERLANG, Rosângela. Refugiados do desenvolvimento: a naturalização do sofrimento das populações atingidas pelas hidrelétricas. *Revista Estudos Brasileños*, Salamanca, v.3, n.4. p. 1-114, 2016.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades, Itueta*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itueta/panorama>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LIMA, Marco Antônio Moraes. *Igreja, ícone da trindade espaço litúrgico, imago ecclesiae*. 2012. 266 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teologia, FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012.

MAGALHÃES, Sônia Barbosa. *Lamento e Dor*. Uma análise sócio-antropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens. Belém, 2007. 279 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belpem, 2007.

MARQUES, Gabriela da Silva; GIONGO, Carmem Regina; CRUZ, Francieli Katiúça Teixeira da; MENDES, Jussara Maria Rosa. Deslocamento forçado e saúde mental: o caso da hidrelétrica de Itá. *Revista de Estudos Sociais*, Bogotá (Colômbia), n. 66, p.30-41, nov. 2018.

NICOLI, Sandra; SIQUEIRA, Sueli. Território de imigração italiana e emigração de seus descendentes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL - TERRITÓRIOS, PODERES, IDENTIDADES. 3., 2011. Vitória. *Anais eletrônicos [...]*. Vitória: UFES, v. 1, p. 1-12.

PALLASMAA, Juhani. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PEREIRA, Clevisson Junior; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de lócus material e conformação simbólica. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 6, n. 1, p.35-50, abr. 2012.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Geografia Cultural: Uma antologia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. v. 2.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Política e Religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001. p. 9-38.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 12928 - 12942.

SANTOS, Paulo Ricardo Lima dos. *Espaço sagrado e espaço simbólico na edificação da igreja São João Batista, em nova Itueta, MG*. 2017. 95 f. Monografia (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Vale do Rio Doce, Governador

Valadares-MG, 2017.

SANTOS, Thiago Martins; BIAVATI, Nádia Dolores Fernandes. Discursos sobre o território de Itueta frente à realocação compulsória: Análise discursiva da produção literária de um ituetense. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 31, n. 1, p.109-123, jun. 2015.

SCOTT, James Campbell. *Seeing like a State: How certain schemes to improve human conditions have failed*. Durham: Yale University Press, 1998.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia - Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

VAINER, Carlos Bernardo. Conceito de “Atingido”: Uma Revisão do Debate. In: ROTHMAN, Franklin Daniel. (Ed.). *Vidas Alagadas: Conflitos Socioambientais, Licenciamento e Barragens*. Viçosa: Ed. UFV, 2008. p. 39-62.

VAINER, Carlos Bernardo. Estado e Migrações no Brasil: anotações para uma história das políticas migratórias. *Travessia*, São Paulo, v. 13, n.36, p. 15-32, 2000.

VAINER, Carlos Bernardo. O caso dos atingidos por barragens. In: CARVALHO, Isabel; SCOTTO, Gabriela (org.). *Conflitos sociais e meio ambiente: desafios políticos e conceituais*. Rio de Janeiro: IBASE, 1995, v. 1, p. 39-74.

VAINER, Carlos Bernardo. *O conceito de atingido: uma revisão de debates e diretrizes*. Rio de Janeiro: Prelo. 2003.

VAINER, Carlos Bernardo. População, meio ambiente e conflito social na construção de hidrelétricas. In: MARTINE, George Martine (org.). *População, meio ambiente e desenvolvimento: verdades e contradições*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 183-207.

VAINER, Carlos Bernardo; ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de. *Grandes projetos hidrelétricos e desenvolvimento regional*. Rio de Janeiro: CEDI, 1992.

VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing social semiotics*. London: Routledge, 2005.

VIGNATTI, Marcilei Andrea; SCHEIBE, Luiz Fernando; BUSATO, Maria Assunta. Projetos hidrelétricos em Santa Catarina. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 30, n. 87, p.165-176, ago. 2016.

WEIL, Simone. *O Enraizamento*. Bauru: EDUSC, 2001.

WERLANG, Rosângela; MENDES, Jussara Maria Rosa. Sofrimento social. *Serviço. Social & Sociedade*, São Paulo, n.116, p.743-768, 2013.